

GYÖZÖ VÖRÖS, *Temple on the Pyramid of Thebes*, Hungarian Excavations on Thoth Hill at the Temple of Pharaoh Mentuhotep Sankhkara (1995-1998), Százszorszép Kiadó és Nyomda Ltd, Budapeste, 1998, 80 pp., ISBN 963-7673-24-5

Esta bem ilustrada obra descreve os trabalhos de escavação no Monte de Tot realizados por uma equipa liderada por Gyözö Vörös, egiptólogo húngaro formado pela Universidade Lorand Eötvös de Budapeste e com experiência arqueológica ganha no terreno em tarefas no túmulo tebano de Djehutimés, sob a direcção de László Kákosi. O Monte de Tot foi descoberto em inícios do século XX pelo alemão Georg Schweinfurth e visitado pouco depois por Gaston Maspero (a quem se deve o nome dado ao local), e ainda em 1909 por Sir Flinders Petrie, cujos dados manuscritos sobre os trabalhos se conservam no University College de Londres (Petrie Museum). Nesse sítio alcandorado e de difícil acesso mandou Seankhkaré Mentuhotep (Mentuhotep III, rei da XI dinastia, Império Médio) erigir um pequeno templo que aparece numa litografia datada de 1902, da autoria de M. Blanckenhorn, onde os vestígios do santuário tótico se assinalam com a legenda «Ruine» (p. 8).

O trabalho da equipa húngara e dos auxiliares egípcios foi espinhoso, dado que o local têm impraticáveis acessos, ficando a cinco quilómetros da estrada até onde podem ir veículos, e depois é preciso ir a pé subindo por caminhos pedregosos onde nem sequer os animais de carga (os burros e os dromedários usados noutras circunstâncias) podem avançar. Daí que todo o equipamento e os mantimentos tivessem de seguir às costas dos homens até ao local das escavações, 400 metros mais acima, sobre o Vale dos Reis.

Com o capítulo dedicado a «Research in the early twentieth century» (pp. 11-12) ficamos a saber que as primeiras peças encontradas nas ruínas foram estudadas por Kurt Sethe, que identificou nas esparsas inscrições o nome de Mentuhotep III (Seankhkaré Mentuhotep, c. 2010-1998 a. C.).

Na página que evoca «Spring 1995: Preparation and field survey» (p. 13), lembra o autor a sua dívida para com o Professor László Kákosi, de quem partiu o impulso para o início das escavações no Monte de Tot a fim de se estudar e recuperar as maltratadas ruínas do quase desconhecido Mentuhotep III (ofuscado pelo brilhantismo do reinado de seu pai, o reunificador Mentuhotep II).

Num apropriado e bem equipado veículo da embaixada da Hungria no Cairo, com meia tonelada de equipamento diverso, partiu a expedição em Outubro de 1995 rumo a Lucsor. O representante do

Serviço de Antiguidades foi o inspector Achraf Akacha e os trabalhadores egípcios, «these young, muscular stonecutters, who still work by hand», foram recrutados no local («Winter 1995-1996: Excavating the temple of Mentuhotep Sankhkara», pp. 14-54).

A segunda fase dos trabalhos vem descrita em «Winter 1996-1997: Excavating the archaic temple and the Sed festival palace» (pp. 55-64), permitindo a detecção de um anterior santuário erigido durante o Império Antigo (planta do templo arcaico na p. 58 e esquema comparativo de implantação das duas construções na p. 60), e ainda a presença de vestígios de uma ocupação posterior na Época Copta (séculos IV e V da nossa era). Nas imediações foram escavadas as ruínas de uma estrutura identificada como um espaço para a efectuação da regeneradora festa *sed* (planta na p. 64).

Vem depois «11 January 1997: The discovery of the Thoth Hill coptic sanctuary» (pp. 65-74), onde se descreve a descoberta de um santuário rupestre copta escavado na encosta norte do Monte de Tot, a 17 metros do solo, pelo que só com a ajuda de cordas lançadas do cimo se podia alcançar o desejado objectivo. O tecto do santuário tinha uma grande imagem de Cristo Pantocrator (de rosto martelado), com motivos de inspiração cristã decorando as paredes. A presença de um sarcófago sem qualquer inscrição revelou que o local tinha servido de sepultura – mas a sugestão dos descobridores, atribuindo-o a Mentuhotep III, carece de comprovação.

Com «Winter 1997-1998: Restoration and interpretation» (pp. 75-79) resume-se a fase complementar de estudo interdisciplinar, com o concurso de diversos especialistas. Boas fotografias elucidam sobre o andamento dos trabalhos e mostram alguns objectos encontrados, como é o caso dos fragmentos de muitas estátuas do babuíno sagrado de Tot que teriam sido partidas por eremitas coptas nos séculos IV-V (uma reconstituição de uma estátua do babuíno de Tot vê-se na p. 35), fragmentos de batentes de uma porta com inscrição hieroglífica (a expedição recuperou 24 que se vieram juntar aos cinco anteriormente achados por Schweinfurth e aos sete de Petrie; pp. 36-37), fragmentos do lintel com a imagem do Hórus de Behedet (pp. 38-39) e de uma estela com inscrição hieroglífica (pp. 40-41). Outras fotos mostram peças de cerâmica reconstituídas a partir de numerosos fragmentos encontrados em depósitos de fundação nos quatro cantos do templo (pp. 42-47). Com a utilização de um balão foi possível obter sugestivas imagens aéreas do local e da árida zona envolvente num espectacular cenário (pp. 48-53).

Infelizmente a pesquisa no santuário rupestre copta teve de ser interrompida em finais de 1997 devido à matança efectuada por fundamentalistas islâmicos dementes que massacraram mais de cin-

quenta turistas em Deir el-Bahari. Dez dias antes deste funesto acontecimento tinha entretanto a equipa húngara terminado os trabalhos de reconstrução do templo de Tot, nas alturas do Vale dos Reis. É de realçar o facto de o projecto contar com uma equipa multidisciplinar que incluiu, para além de egiptólogos e arqueólogos, vários especialistas em cerâmica, dendrologia, arqueozoologia, restauro e desenho, entre outros, dirigidos por Gyöző Vörös, um promissor representante da actual egiptologia húngara, onde pontificam os nomes de Vilmos Wessetzky, já falecido, e László Kákosy, ainda activo e a servir de dinâmico exemplo para os seus discípulos.

Luis Manuel de Araújo

JOSÉ DAS CANDEIAS SALES, *As Divindades Egípcias. Uma chave para a compreensão do Antigo Egipto*, Coleção Nova História, Editorial Estampa, Lisboa, 1999, 470 pp., ISBN 972-33-1487-8

O objectivo de José das Candeias Sales ao publicar este seu útil trabalho sobre as divindades do antigo Egipto é revelado logo no preâmbulo: «apresentar, de forma mais objectiva possível, os contornos essenciais de cada divindade para, a partir daí, se poder constituir e apreender um quadro de referência susceptível de ajudar á compreensão de outras vertentes da realidade egípcia e até, por fim, da própria civilização do Egipto faraónico» (p. 11). O Autor, que é mestre em História das Civilizações Pré-Clássicas pela Universidade Nova de Lisboa e assistente da Universidade Aberta, teve de bem ponderar acerca do método que ia seguir para apresentar as mais de cem divindades seleccionadas e, reconhecendo que «o tratamento do panteão egípcio não é tarefa fácil, nem o caminho possível de trilhar uno e uniforme» (p. 15), numa temática onde coexistem diversos e por vezes discrepantes critérios de abordagem, justifica-se com arguta plausibilidade:

«Conduzidos por uma forte motivação pedagógica, devido às próprias condições de ensino, de produção e de divulgação de temas inerentes ao estudo das Sociedades, Civilizações e Culturas da Antiguidade Pré-Clássica entre nós, adoptámos um critério que, na nossa opinião, melhor capta a diversidade e multiplicidade de propostas, ou seja, melhor as sintetiza e agrupa» (p. 15). Por isso, a apresentação do essencial do panteão egípcio ficou subordinada ao seguinte esquema:

- Divindades dos primeiros tempos (pp. 91-190)
- Divindades protectoras da monarquia e do Egipto (pp. 191-268)